



TECNOLOGIAS E DESIGUALDADEs NO ENSINO REMOTO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DE GEOGRAFIA USP

Rodrigo Fernandes Paes¹
Igor de Jesus dos Santos²
Eduardo Donizeti Giroto³

INTRODUÇÃO

O início das atividades do programa ocorreu em um contexto de pandemia, sendo que as aulas e reuniões se deram por meio de comunicação à distância, via internet e utilizando aplicativos de comunicação com transmissão de áudio e vídeo. Embora a reestruturação das aulas por este meio tenha seguido conforme calendário, alguns problemas se tornaram evidentes, como a adaptação de metodologias de ensino e a questão das estruturas que permitem o ensino remoto, como a velocidade e estabilidade da transmissão de dados e a desigualdade de distribuição destes equipamentos entre as famílias dos estudantes. Deste modo, as experiências das aulas remotas elaboradas e desenvolvidas durante o PRP Geografia estimularam reflexões quanto à transição e expansão da escola para além de seus muros em decorrência das aulas virtuais e em que medida esta transição tem o potencial de democratizar o ensino ou aumentar as desigualdades existentes, sendo estas as questões centrais desta comunicação.

Metodologia

Devido à pandemia do COVID-19, as atividades do PRP Geografia tiveram início na E.E. Profa. Marina Cintra por meio de aulas via internet, utilizando-se o aplicativo de transmissão de áudio e vídeo “Google Meet”. Este mesmo recurso foi utilizado para as reuniões do grupo de orientação, tanto como a coordenação do subprojeto, quanto com a professora supervisora. Nestas reuniões, tivemos a oportunidade de discutir referências de autores para as aulas, o currículo escolar e o desenvolvimento da turma.

Além disso, pudemos acompanhar e ministrar aulas para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Para a construção das aulas, levamos em consideração a análise do território escolar, bem como das principais características sociais dos estudantes, tentando

¹ Mestrando PPGF, Geógrafo e graduando em Licenciatura em geografia, FFLCH/USP, rodrox@usp.br

² Graduando em Geografia, FFLCH/USP, igor17_usp.com@usp.br

³ Doutor em Geografia Humana, Professor do Departamento de Geografia da USP, egirotto@usp.br



articulá-las com os processos de ensino aprendizagem. Inicialmente, imaginávamos que as aulas ocorreriam de modo mais tranquilo, uma vez que não ocorreriam frequentes interrupções e conversas simultâneas de uma típica aula presencial. Entretanto, esta tranquilidade superficial revelou a dificuldade de interação com os alunos e apontaram para a necessidade de utilização de metodologias de ensino que diversifiquem a construção do conhecimento do tema proposto.

Referencial Teórico

Inúmeros fatores que permeiam a escola ficaram comprometidos durante a situação de isolamento, conforme menciona Gatti (2020). Estes fatores incluem a restrição de apoios pela situação remota, dificuldade de atenção e concentração, o aumento de estresse, alta quantidade de informações e tempo de tela, trocas relativizadas pelo esforço demandado pelo modo remoto e falta das relações presenciais. Por outro lado, os professores também foram demandados e sofreram estresse pela transição rápida para novas atuações, o uso de novas tecnologias e preparo de aulas virtuais, esforço de manejo técnico, o qual não compõe sua rotina tradicional.

De maneira geral, o ensino à distância por meio das tecnologias de comunicação faz parte de uma revolução digital em andamento, a qual propulsiona um novo modo de pensar, aprender e se comunicar. Neste sentido, se por um lado percebemos a importância do ensino presencial e do professor como mediador da construção do conhecimento dos alunos, por outro lado, só é possível compreender as dificuldades de acesso e aumento da segregação dos mais vulneráveis justamente pela falta de opção que a pandemia causou. Todavia, pensar em meios de utilizar as novas tecnologias para aprimorar o ensino é tanto desafiador como possível.

O modo como as tecnologias se têm desenvolvido nos últimos anos abre perspectivas muito interessantes para a educação. Parece estranho, porque olhamos para elas como “máquinas”. Mas, curiosamente, a sua evolução recente permite imaginar a valorização do estudo e da aprendizagem em vez das aulas tradicionais, o reforço do diálogo e da comunicação, a criação de espaços de partilha e de cooperação. Podemos até dizer que o uso inteligente destes meios pode ajudar a concretizar grande parte do ideário, ainda por cumprir, da modernidade pedagógica. No entanto, até hoje, poucas exceções, o trabalho feito neste domínio tem sido muito pobre, limitando-se a repetir, à escala tecnológica, um ensino tradicional. (NÓVOA, 2013)

Um dos temores suscitados é o aumento das desigualdade através do investimento



em tecnologias de ampliação do ensino remoto, somada a já existente precarização do ensino público em um contexto de desinvestimento do Estado em saúde, educação e proteção social. De forma que, não se culpa a tecnologia pelo aumento das desigualdades, esta tem o potencial de melhorar e democratizar o ensino. Entretanto, em um contexto de mercantilização da educação, a desorganização do Estado tende a intensificar a precarização das vidas dos partícipes da educação (DA SILVA LIMA et all., 2020).

O desafio de investimento será tanto mais expressivo quanto maiores forem as desigualdades e os processos de desresponsabilização estatal pela oferta educacional. No Brasil, os cortes orçamentários, a falta de investimento público e, conseqüentemente, a precarização do trabalho nos espaços escolares têm refletido desafios quase intransponíveis para o desenvolvimento conseqüente e socialmente comprometido da educação escolar. Demasiadamente desigual, a consolidação dos direitos sociais, entre os quais o educacional, tem sido cada vez menos universalizada em termos de acesso e qualidade de oferta, aspectos que, em contexto pandêmico, tornaram-se ainda mais agravados.

Deste modo, para além da pandemia, faz-se necessário investir no suporte tecnológico como meio de aprimorar e expandir o aprendizado, sem que este sirva de argumento para substituir o espaço físico da escola ou transformar a educação em simples mercadoria.

Resultados e Discussões

Na prática, tentamos realizar os processos de ensino e aprendizagem em geografia utilizando as ferramentas disponíveis e avaliando sua pertinência. Tomando como exemplo a aula de geografia sobre Recursos Energéticos e Mudanças Climáticas que ministramos para turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, avaliamos que o formato adotado não foi o mais adequado e não resultou em interações professor-alunos. De maneira geral, a aula se resumiu ao formato expositivo, com o uso do “Power Point” compartilhado na tela. Por se tratar de um tema bastante atual e de grande relevância para os alunos, avaliamos, ao final da experiência didática, que poderíamos ter construído a aula em diálogo com os estudantes, buscando saber o que eles já conheciam sobre o assunto e a partir deste ponto, mediar o aprofundamento e relações destes temas iniciais com o cotidiano da sociedade a qual pertencem.

Em outras aulas, nas quais buscamos relacionar dois assuntos interdependentes (energia e mudanças climáticas) e um número de relações com o território, desde a geração da energia, passando pela transmissão e finalmente a distribuição, abordando as vantagens e desvantagens de cada tipo de geração e os impactos ambientais, utilizamos um aplicativo de interação (Mentimeter) dias antes da aula, com o objetivo de problematizar o tema com a



pergunta: “Em sua opinião, qual é a melhor fonte geradora de energia elétrica”. Os alunos puderam marcar, entre as opções disponibilizadas, as quais foram apresentadas durante a aula. No entanto, nos deparamos com mais uma das dificuldades do ensino remoto: a falta de acesso dos estudantes. Foi grande o número de estudantes que não interagiu, o que dificultou a proposta de construção de uma aula mais dialógica, pautada nos conhecimentos prévio dos estudantes.

Considerações Finais

Desse modo, pudemos perceber que o uso das tecnologias não pode ser pensado fora dos contextos de desigualdades socioeconômicas que marcam a realidade brasileira. A ideia, aventada em quase todo o contexto da pandemia, de uma simples transposição do presencial para o remoto, não pode ser pensado sem a criação das condições materiais para que estudantes e professores possam vivenciar, de maneira plena, os processos de ensino-aprendizagem. As experiências desenvolvidas no PRP Geografia nos permitiram compreender os limites e possibilidades do uso de tecnologias educacionais para o ensino de geografia, revelando a necessidade prévia da superação das desigualdades que se configuram como empecilhos para que tais tecnologias possam contribuir para novas práticas e processos educativos.

REFERÊNCIAS

DA SILVA LIMA, Licínio Carlos Viana et al. CONFINAR A EXPERIÊNCIA ESCOLAR NUMECRÃ?. **Educ. Soc.**, v. 41, p. e240846, 2020.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29-41, 2020.

NÓVOA, Antonio. Entrevista com o prof. Antonio Nóvoa. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 1, n. 1, p. 41.